

Concurso
Mariângela Mendes de Almeida ¹

O INVESTIMENTO DESEJANTE DO ANALISTA FRENTE A MOVIMENTOS DE AFASTAMENTO E APROXIMAÇÃO NO TRABALHO COM OS TRANSTORNOS AUTÍSTICOS: IMPASSES E NUANCES

*“Amo tanto e de tanto amar
acho que ela é bonita,
tem um olho sempre a boiar
e outro que agita.*

*Tem um olho que não está
meus olhares evita
e outro olho a me arregalar
sua pepita...”*
“Tanto amar”

Chico Buarque de Holanda, 1981

Introdução

A partir de experiência clínica direta com os Transtornos Autísticos, da participação em espaços de acolhimento terapêutico, e em grupos de reflexão acerca deste trabalho, venho me deparando com algumas questões que insistem, tecendo redes de inquietações e condensando áreas de interesse para investigação. Seminários sobre transtornos autísticos e estados primitivos da mente, combinados a grupos de estudo, trabalho e investigação sobre os transtornos globais do desenvolvimento, têm construído, neste momento de meu percurso, uma confluência estimulante.

Como fundamentos para estas reflexões consideram-se os desenvolvimentos produzidos pela investigação psicanalítica de aspectos psicóticos da personalidade, a partir de Bion, dos estados primitivos da mente a partir de Klein, Bick, Meltzer, Tustin, Mitrani

¹ Psicóloga Clínica com Mestrado em Observação Psicanalítica pela Tavistock Clinic e University of East London. Associada Clínica do Departamento de Criança e Família da Tavistock Clinic de 1988 a 1993 (curso Child Psychotherapy). Membro filiado ao Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, participante do Grupo de Trabalho e Investigação em Transtornos Globais do Desenvolvimento, coordenado por Paulo Duarte. Atualmente desenvolve atividades clínicas e didáticas em consultório e no Setor de Saúde Mental do Departamento de Pediatria da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Membro do Instituto Sedes Sapientiae, docente do Curso de Intervenção Precoce na Relação Pais-Bebê.

e Korbivcher, e dos desdobramentos da clínica psicanalítica com crianças com transtornos autísticos por Alvarez e Reid, além das iluminações clínicas de Ferro quanto ao constante exame da mente do analista enquanto trabalhamos. Tem sido interessante o contato com as idéias clínicas de Frances Tustin a luz destes desenvolvimentos e interfaces atualmente presentes no campo.

As questões que mais têm me mobilizado são relacionadas aos instrumentos e dispositivos clínicos de acesso ao mundo interno da criança com transtornos autísticos. Tais reflexões têm sido ampliadas, principalmente a partir do contato com o trabalho de Korbivcher, para se pensar sobre momentos de retirada autística em pacientes necessariamente não tão autistas.

Neste artigo, transito também por criações de Chico Buarque de Holanda e de Flávio Palmeira.

É provável que este último nome não encontre o mesmo reconhecimento em nosso repertório psicanalítico ou cultural que as outras ilustres figuras, mesmo porque se trata de uma denominação fictícia para um paciente para mim muito significativo para a instigação, formulação e acompanhamento de algumas das questões em foco. Aliás, foi através do cantar de Flávio Palmeira, em recente sessão, que revisitei e re-signifiquei versos de Chico Buarque, que ilustram de forma surpreendente, sutis movimentos de aproximação e afastamento que vivenciamos com estes pacientes. Na dita sessão, entre períodos de intensa sustentação de olhar, interrompidos por (ou entrelaçados com?) momentos de ansiedade, agitação ecolálica e evitação, Flávio cantou a canção cujo início reproduzo no começo deste artigo, falando dos olhares em duas trilhas, em duas metades, um olho sempre a boiar e o outro que agita, um olho que não está, que evita olhares e o outro que arregala a pepita, um que chama pra luta aflita e o outro que se larga, um que atura, outro que chora, um que pestaneja, outro que fita.

Como se desenvolve este fluxo de aproximação e afastamento? Seria possível identificar os componentes psíquicos dos momentos de ruptura (que chamarei aqui de pontos de choque, ou pontos de corte?) Quais seriam os gatilhos, os disparadores da oscilação? Haveria paralelos entre este fluxo oscilatório num garoto como Flávio e movimentos de oscilação entre estados mais conectados e menos conectados, ou mesmo desconectados, em indivíduos não autistas? O que o trabalho com estes estados em crianças autistas podem nos ensinar sobre tais movimentos em nós mesmos e em nossos pacientes com funcionamentos mentais aparentemente mais articulados? Como o analista acompanha estes movimentos? Quais os dispositivos clínicos de que lança mão? Como “reclamamos” (Alvarez, 1992) nossos pacientes em seus momentos de distanciamento? Qual a presença de nosso desejo impulsionante neste resgate?

Muitos autores consideram este investimento desejante, denominado por Marucco (2007) de “aposta pulsional do analista” como ingrediente presente em qualquer processo analítico, mas nos casos em que se manifestam aspectos de retraimento autístico, tal investimento configura-se como instrumento estruturante do contato analítico, ferramenta terapêutica por excelência na construção de uma possível subjetivação (a preciosa noção de “reclamação”, de Anne Alvarez (1992), presente no repertório pais-

bebê e expandida para a clínica dos aspectos autísticos, como ingrediente nas tentativas de engajamento do indivíduo num circuito relacional).

Considerando a noção de técnica de maneira ampliada, não ligada a formas pré-estruturadas do fazer analítico, envolvo-me, em minha prática e aqui neste artigo, com o registro de vivências “in loco” e reflexões “a posteriore”, do quê em nossa função pode ir, nas experiências de sintonia psíquica expressas também nas minúcias interativas, reconfigurando aspectos tão sutis de possibilidades de um “dialogismo” (Fonseca, 2005).

Transitando pelas narrativas de Flávio Palmeira

De certa forma acompanho Flávio Palmeira desde muito cedo. Atualmente com 14 anos, esteve em tratamento desde os 3 anos e 8 meses com uma colega,² encaminhado pelo serviço em que eu trabalhava como psicóloga. Fez parte do grupo de alunos de uma Pré-escola Terapêutica que eu coordenava, desde os 6 anos. Está agora comigo em análise desde os 8 anos.

Revido seu acompanhamento através da intervenção inicial pais-criança, seguida de análise, da intervenção multidisciplinar na pré-escola terapêutica, (com alguns vídeos que ilustram seu “desenvolvimento”), e seu seguimento analítico, venho também refletindo sobre a relevância do trabalho inicial, cada vez mais precoce, envolvendo os pais junto à criança para plantar as bases de um trabalho analítico profícuo e “sustentável”. No contato com Sue Reid e no Workshop de Autismo da Clínica Tavistock por quase seis anos, acompanhei e me convenci profundamente da relevância indispensável das avaliações iniciais prolongadas mobilizando os pais para o trabalho analítico com a criança com transtornos autísticos.

Refiro-me também, portanto, ao investimento desejante dos pais e do analista (ampliada para a rede de profissionais envolvidos) e desta dupla pais-analista/profissionais como casal parental e rede-base de continência, gerando condições de desenvolvimento para a criança-filho-paciente, incluindo elementos que caracterizam a função parental de gerar esperança e amor, tolerar angústia depressiva e promover a capacidade de pensar (Meltzer e Harris, 1986).

Além disso, dou-me conta que tenho um verdadeiro “álbum de recordações” deste paciente, tal qual os pais tem dos filhos, durante as várias etapas de sua vida. Outra manifestação do investimento desejante? Interessante pensar que não se trata de um paciente que se mostrou inicialmente particularmente cativante. Pelo contrário, inicialmente Flávio evocava na equipe e nas crianças da Pré-escola Terapêutica em que o conheci pessoalmente, aos 6 anos, uma reação de irritação e cansaço frente a seus movimentos agitados e constantes solicitações verbais e insistentes perguntas, em que importava muito mais a repetição ecológica do que a eventual resposta.

Percebo também com a ajuda das discussões clínicas sobre este paciente, que

² , que realizou inicialmente uma intervenção terapêutica conjunta pais-criança, prosseguindo com a criança em análise individual.

hesito em registrar que o tempo passa para Flávio Palmeira e para nós, e que ele já tem 14 anos, apesar de dizer que tem 11. Combinar a dedicação de uma relação de analista/mãe de uma mente-bebê com uma relação do tipo analista/mãe de aspectos que estão tendo que “adolescer” no contato com o mundo externo, tem sido um constante desafio.

Passamos também por fases em que o registro de nosso contato analítico era tão fragmentado, que eu dificilmente conseguia escrever uma sessão, pois não localizava fios de reconstrução da experiência e de suas manifestações esparsas e caóticas, com intensas manifestações motoras e sonoras que não pareciam ter nenhum encadramento como representação em minha mente, mesmo mantendo ativo meu radar contratransferencial.

Voltando às imagens evocadas por Flávio com a canção de Chico, o contato com esta criança vem, portanto, me intrigando quanto à coexistência destas trilhas entrelaçadas, de mudança psíquica possível ramificando-se em constante expansão, e de núcleos autísticos arraigados que parecem se “reformular”, se adaptar às mudanças, “incorporá-las”, mas manter-se como um refúgio (talvez cada vez mais encapsulado – para o benefício do paciente quem sabe???) que talvez também evolua com as novas aquisições de habilidades sociais, desenvolvimento da linguagem formal e possibilidade de decodificação dos afetos.

Pergunto-me: quando percebemos mudanças significativas nestes nossos pacientes, estariam ocorrendo mudanças estruturais destes núcleos autísticos ou redução da preponderância destes aspectos frente a um maior desenvolvimento de aspectos de conexão? Poderíamos dizer que o trabalho analítico se dá nesta fronteira, expandindo, amplificando sutis áreas de transformação, buscando captar o interesse de nossos pacientes pela vivência de tais possibilidades, como alternativas possíveis a núcleos autísticos ora dominantes do espaço psíquico?

Revisitando os constituintes da função analítica continente: aspectos do investimento desejante?

No texto “Construções iniciais da capacidade simbólica: contribuições a partir da clínica dos transtornos autísticos infantis” busco o intento de detalhar os aspectos constitutivos dos processos de continência em atividade na clínica, e possíveis aspectos técnicos – os tais dispositivos clínicos de acesso, aspectos presentes no repertório relacional pais bebê, amplificados na relação analítica (discutidos principalmente a partir da experiência de contato com as idéias de Susan Reid, Anne Alvarez, do Workshop de Autismo e da tradição Tavistock de inter-relação com a Observação Psicanalítica das relações iniciais e com as novas investigações em Psicologia do Desenvolvimento). Retomando-os resumidamente, destaco como constituintes da função analítica de continência a estados primitivos de mente os aspectos de:

a) atenção aos mínimos sinais e tentativas de comunicação expressos pela criança (estado de mente disponível a receber e registrar incipientes manifestações e observar impactos emocionais)

b) *amplificação dos sinais e tentativas de comunicação* (fornecimento de continuidade através da observação, manifestações de surpresa e dúvida, nomeação, investigação e agregação de estados emocionais rudimentares às manifestações automáticas)

c) *favorecimento de um senso de agência* (ampliação da experiência da criança de evocar algo em alguém, de ter suas manifestações recebidas e pensadas por alguém)

d) *atitude de relação com uma mente que virá a ser* (suposição de um já sujeito onde ele está ainda sendo construído, tal com a mãe faz com seu bebê, num delicado jogo de investigação e atribuição de possíveis intencionalidades; o nosso falar pelo paciente, dando voz e representação a possíveis estados em construção)

e) *favorecimento do desenvolvimento de um senso de espaço mental interno* (o nosso muitas vezes intuitivo “pensar alto”, como se estivéssemos dialogando com um interlocutor interno, demonstrando à criança que há um espaço/mente em que conteúdos como sensações, percepções, mesmo que em estado fragmentado, podem ser registrados, processados ou talvez adquirir algum valor compartilhado)

f) *integração de diferentes níveis e registros de experiência* (associação entre elementos pré-verbais e verbais, entre descarga e transformação simbólica pela linguagem, entre a experiência sensorial através de um sentido dominante e a integração de várias modalidades sensoriais, entre a experiência concreta e a transformação através da continência emocional)

g) *regulação de distâncias* (oferecimento de espaço para que os ritmos da criança se desenvolvam sem sobrecarga ou invasão de necessidades projeções e expectativas narcísicas do adulto, sendo, porém, como sugerem Alvarez e Reid, gentilmente ativo sem ser intrusivo, captando o interesse do paciente, em qualquer lugar que ele esteja).

Acredito que estes aspectos caracterizam também a maneira como o investimento desejante do analista se orienta em relação ao paciente, assim como a figura materna subjetiva o bebê desde os primórdios de seu desenvolvimento.

Ilustração Clínica:

Um dia na vida analítica de Flávio Palmeira - aproximações e afastamentos

Apresento agora uma vinheta do trabalho clínico com Flávio, na tentativa de ilustrar algumas nuances e impasses relacionados às questões anteriormente levantadas. Espera-se que os aspectos constitutivos da função analítica no contato com estados primitivos, mencionados acima, também encontrem na narrativa clínica uma via mais viva de presentificação.

Assim que entra na sala, certa e rapidamente Flávio toca o interruptor ao lado da porta para acender a luz, estendendo a mão para o lado, quase sem olhar. É a primeira vez que faz isso e me surpreendo com a sua rapidez e precisão, parece que

algo do ambiente imediatamente o mobilizou (alguma característica sensorial de diferença de luminosidade?), antes mesmo de estarmos nele. Imediatamente, se dirige para o armário de panelinhas, abre e pega algumas, manipulando-as de forma aparentemente automática (não olha muito para elas, parece uma atividade estimulatória tanto pelo aspecto motor quanto pelo sonoro – os movimentos e barulhos das panelinhas se chocando parecem ser um atrativo).

Vou falando, anunciando o que vou fazendo (a la mãe-bebê). Comento que vou pegar sua caixa de brinquedos e a coloco na mesa. Digo que vou abrir as cortinas (que são leves) para termos mais luz. Flávio presta atenção e fixa o olhar por mais tempo em meus movimentos enquanto abro as cortinas, parece notar que algo mudou. Olha de longe, mas bem nos olhos quando comento que ele logo acendeu a luz quando chegou e agora abrimos a cortina, estamos com nossa sala bem iluminada. Flávio responde com um “É” baixinho, reflexivo(?), que me faz pensar naquele tipo de intrigante contato em duas vias em que às vezes nos vemos envolvidos. (A voz baixa, meio enrustida, que parece quase sair sem querer, responde ao diálogo, enquanto olhos desviam ou uma voz alta gritada entoia ecolalias).

Aproximo-me de Flávio, que está de pé e com uma manutenção de olhar mais constante que de costume. Comento algo sobre a gente estar hoje conversando com o olhar, “*eu olho para você, você olha para mim, eu olho de volta...*” (atenção e amplificação dos mínimos sinais de contato e comunicação).

Flávio sorri olhando bem nos olhos. Comento sobre ele sorrir, parecer contente... Como ele se sente? (pergunta)

Flávio: (diz rápida e de certa forma automaticamente) “*Feliz!*”

Na tentativa de promover a possibilidade de um contato menos automático, conectando, aos poucos, estados internos com nomeações e manifestações aos outros (integração de diferentes registros da experiência), comento de uma forma pausada, que vai aos poucos se tornando rítmica: “*Quando a gente se sente feliz, contente a gente sorri, a gente ri. É bom estar aqui junto, é bom conversar, o meu olhar vai pra você, o seu olhar pra mim, o seu sorriso vem pra mim, o meu sorriso vai pra você...*”

Acompanhando o ritmo desta fala, começamos a juntar um movimento corporal de vai e vem, ilustrando com as mãos esse vai pra lá e pra cá (tipo/ritmo de brincadeira infantil de serra-serra serrador, o que alude à tentativa de integração de vários níveis e registros da experiência, o motor, o verbal, o emocional, o lúdico e o relacional). Flávio responde com entonação de sorrisos acompanhando o movimento, às vezes se deixando levar por minhas mãos, às vezes sendo ele próprio o ativador da brincadeira, puxando com suas mãos o vai e vem. Acompanho com falas rítmicas de “*vai e vem... prá você e prá mim...*”

Vamos nos movimentando pela sala e Flávio comenta algo sobre dança, digo que parece mesmo que a gente está dançando, brincando junto, quando a gente dança a gente fica bem perto e se diverte junto.

Paramos perto das cadeiras, Flávio se senta (inédito). Sento-me na cadeira ao seu lado. Continua a manter bastante contato visual e digo que Flávio está muito inte-

ressado em conversar com o olhar (verbalizo algumas de suas possíveis falas, numa atitude de relação com uma suposta-mente que virá a ser: “*Como é que está essa... (nome da analista) hoje? O que se passa com ela? O que se passa comigo? O que a gente pode fazer junto?*”)

Ponto de choque

De repente, Flávio fala numa voz alta e bem enfática (sugerindo uma ecolalia tardia): “*Não quero dormir, quero ficar acordado!*” (Repete algumas vezes alto em tom de lamento reclamatório e veemente protesto...) Reproduz um diálogo: “*Junior, mas você tem que dormir, é de noite...! Não eu não quero dormir, quero ficar brincando...!*” (se agita enquanto repete, cada vez mais alto e insistentemente).

Penso, intrigada, no que será que disparou esta mudança de rumo, o que o teria agitado? A manutenção do olhar terá sido demais? Terá a minha atribuição de uma mente pensante com alto grau de interesse e curiosidade se adiantado ao ritmo de Flávio?

M: “*Às vezes você fica agitado e não dá muito pra descansar, não é?*”

Flávio faz balanceios batendo as costas na cadeira, agita e enrijece os braços e dedos, às vezes acompanhados com um som contínuo (iiiiiiiih!).

Comento que às vezes ele fica agitado aqui, em casa e pede que eu, a mamãe, que a gente possa ajudá-lo a conseguir descansar.

Flávio faz um movimento de escrever no ar, como se estivesse empunhando um lápis imaginário que ele maneja muito rápida e agitada.

M: “*Olha! Você está escrevendo alguma coisa! Que será que você está escrevendo? Vamos pegar uma folha?*” (levo-lhe uns lápis de sua caixa)

Meu interesse e entusiasmo verbalizados enfaticamente funcionam como amplificação e tentativa de subjetivação de seus sinais, como alternativa à repetição automática puramente motora. Flávio pega a folha que lhe entrego e leva para cima de um dos armários da sala. Começa a desenhar bem forte em movimentos rápidos, acalcando bastante com o lápis de cor preto.

M: “*Você estava falando da sua agitação no escuro da noite... Aqui parece o escurão da noite...*”

...(Silêncio, Flávio continua fazendo traços fortes de vai e vem com o lápis preto).

M: “*O Flávio está aqui no escurão da noite?*”

(desenho um menino-Flávio)

Pergunto como o Flávio está, se está com alguém, se está sozinho, o que está fazendo?

F: “*Tá sozinho, tá brincando.*”

M: “*Puxa, como será que o Flávio está se sentindo sozinho no escurão da noite?*”

Com determinação, Flávio pega o lápis azul e desenha com movimentos rápidos as palmeiras (tais figuras são comuns no repertório gráfico e verbal cotidiano de Flá-

vio, anteriormente com conotação mais ecológica e repetitiva, como foco de atenção ritualizada de admiração e interesse estereotipado, agora aparecendo de forma menos freqüente e mais diversificada).

F: (Diz alto, com entonação ecológica) “*É um palmeira, não precisa ter medo dela, é uma palmeira da ‘articiais!’*” (Entendo que ele quer dizer “artificiais”)

F: “*Essas palmeiras são de brinquedo no Shopping super... (nome da analista).*”

M: “*Dá pra gente conversar, brincar, tentar conhecer melhor este medo, sem ele te assustar de verdade aqui na nossa sala do Shopping super...?*”

F: “*É de brinquedo!*”

Ponto de choque

Flávio vira a folha para baixo num movimento brusco, se mantendo em volta do armário em barreira de impedimento, com os braços abertos bem tonificados, um pouco de balanceio com os pés, dizendo:

F: “*Não tem mais palmeira...! Agora mudou a cena! (misturando ansiedade com um pouco de faz de conta)... Agora é o circo...! (desenha no verso do papel de maneira agitada, que parece evacuatória). Acabou a palmeira!*”

M: “*O medo tem que acabar, tem que ir embora? Agora é o circo do movimento?*”

Flávio protege o espaço com o papel virado como uma fortaleza, cercando-o com seus balanceios e braços rígidos. Parece estar envolvido numa tentativa desesperada de manter um equilíbrio à beira de colapso, uma auto-regulação do que é possível a ele tolerar nesta esfera das trocas de interesse pelo outro e pelos sentimentos de si e do outro. Parece vivenciar em turbulência motora, acionando o circo do movimento, incipientes rudimentos de aspectos que assustam, que talvez possam ser metabolizados, podendo até ser brinquedo, mas que contém o risco de congelar-se em “arti(fi)ciais”. Ao mesmo tempo, parece ser tomado por puro pavor em estado bruto, do qual não pode se aproximar, nem tocar nem olhar, e do qual tem que poupar a si e a mim.

M: “*Cadê o Flávio? Cadê o medo? Será que dá pra gente junto ir chegando perto deste medo, ir vendo como ele é, conversando sobre ele?*” (brinco de ir chegando aos poucos perto do papel, devagarzinho, tentando trazer o Flávio). Flávio me impede com bastante vigor, mantendo a cerca e não deixando que o papel seja virado. (a tônica maior é de ansiedade, mas aparecem uns lampejos de uma atmosfera lúdica que me lembram brincadeiras tipo “achou!”, ou antecipatórias tipo formiguinha que sobe pelo braço e faz coceguinhas).

F: “*Agora um pano tampou tudo, tamparam as palmeiras lá dentro!*” (Faz os traços contínuos por cima do desenho).

Flávio faz também uma figura que ele depois diz ser uma pessoa subindo a escada, mas que também é coberta pelo pano que tampa tudo. (Penso no nosso caminho para a sala do consultório).

F: “As palmeiras foram embora...”

Agora não é mais o Shopping super..., agora é o Shopping Ibirapuera, agora é o Mac Donald’s”. (agitado, riso meio escancarado tipo alucinado)

M: “Agora está difícil poder ficar com o medo, mas a gente pode sempre aqui tentar ficar mais perto do que a gente sente. As palmeiras podem voltar outro dia, quando a gente se encontrar de novo. Sempre que a gente se encontra a gente pode junto ficar mais perto do que a gente está sentindo...” (Após um tempinho, Flávio parece se acalmar um pouco, e a atmosfera de faz de conta parece conseguir alguma preponderância frente à atmosfera de terror).

F: “Vamos comigo? (Dando a mão e me puxando para se aproximar do desenho, virando a folha para o lado das palmeiras). *É de brinquedo!*”

M: “*É, mas a gente sente o nosso medo de verdade... Mas a gente pode conversar sobre ele, pensar sobre ele, até fazer um faz de conta com ele... chegar perto como a gente está chegando agora, aí ele não assusta tanto a gente...*”

Pergunto sobre algumas figuras do desenho e escrevo o que Flávio havia dito ou diz sobre elas. Flávio faz um relógio de pingar areia e comento que estamos mesmo perto da hora de irmos embora.

* * *

Flávio cantarola uma melodia que reconheço (e que eu adoro! –“Tanto amar” do Chico Buarque de Holanda), com algumas palavras misturadas e pronunciadas como se fossem uma língua meio estrangeira, meio “português esburacado”, mas em afinação e ritmo comoventes. Penso na dupla Flávio pai e Flávio filho, que se encontram nos momentos de música, o pai gosta, Flávio acompanha e parecem se sintonizar nesta identificação.

Lembro também que a música fala de dois olhares –um que fita, outro que evita– o que parece fazer muito sentido para a gente ali. Canto com ele a melodia, colocando a letra em alguns pedaços que lembro, “*amo tanto e de tanto amar, acho que ela acredita... tem um olho a... e outro que agita...*”, “*tem um olho que não está, meus olhares evita*”, “*e outro me fita*”, “*é na soma do seu olhar, que eu vou me conhecer inteiro...*” Me empolgo: “*Amo tanto e de tanto amar, em Manágua temos um chico, já pensamos em nos casar, em Porto Rico*” (nesta hora sinto que talvez tenha me entusiasmado um pouco demais...) Flávio, que no início se mostrara curioso, sorrindo, surpreso, aparentemente com eu ter reconhecido a música e cantado com ele, diz, sorrindo agora de forma mais provocativa: *Para de me imitar!*

Leve ponto de choque

Flávio recua um pouco quando eu canto a estrofe do casar.

Comento: “*Cheguei perto demais, não é, Flávio? Talvez essa seja uma das*

coisas que dá medo e faz você querer se afastar, lá pra ilha, pro circo do movimento, da agitação”.

F: *Quero ficar no consultório da... (nome da analista), não quero ir lá pro mundo da fantasia.*

Repete esta fala de maneira lamuriosa, com um leve tom ecolálico, demonstrando dificuldade de suportar a quebra da continuidade, porém sem que seja necessário passar a se agitar e se acalma quando comento que depois de amanhã a gente se encontra de novo pra continuar conversando destas coisas.

Comentários: uma tentativa de reflexão sobre os passos do dueto analista-paciente

Acompanhando o movimento da sessão observamos ritmos gradativos de aproximação e sintonia, em sutil intercurso (dialógico?), facilitados por recursos de continência, interesse e leitura dos sinais expressos pelo paciente, rompidos por momentos de afastamento. Tais rupturas parecem se manifestar como pontos de corte, ou como chamei aqui, pontos de choque, se enfatizarmos a mutualidade da relação, e as manifestações gestuais e verbais. Assim, surgem sutis curto-circuitos interativos, e mudanças de rotas na atmosfera do contato, marcados por agitação, ansiedade e evitação, com descargas motoras e verbais em alto volume e insistente repetitividade. Nosso choque e diferenças de ritmo dificultando a regulação? Sobrecargas somatopsíquicas e choque de Flávio frente à intensidade de movimento proto-vincular num contexto de precariedade de seu aparato mental para modular tais movimentos? A articulação entre os aspectos neuropsicológicos e emocionais vem sendo cada vez mais alvo de investigação e interesse para os psicanalistas, conforme demonstra Guimarães Filho (2007). Será que poderíamos aqui localizar esta delicada interação?

Poderíamos dizer que o choque se dá nos momentos de aproximação excessiva, ou seja, o contato é ao mesmo tempo desejado, mas temido? Nestes momentos fui longe demais? Ou faz parte da função analítica ir flexibilizando estas barreiras e ampliando o espaço de representação para que Flávio possa se aproximar dos medos-palmeiras e torná-las algo que se possa “imaginar/brincar” sem que precisem se tornar as rígidas “artificiais” palmeiras de brinquedo/medo negado?

No momento em que me encanto com a melodia de Flávio, com o meu apaixonamento pela canção e pela percepção da sincronicidade entre nosso momento e a escolha da música, talvez tenha me envolvido mais com minhas próprias representações e satisfações narcísicas do que com os rudimentos de construções de Flávio. Após cantar a estrofe sobre o casamento e filhos, me pego pensando: “Nossa! Acho que exagerei, estamos começando a chegar mais perto e eu já falo em casar e ter filhos!” Apesar desta formulação um tanto conteudística, sinto-me inegavelmente emocionada com a evolução da situação. Percebo-me também mais sintonizada com Flávio quando percebo que ele recua levemente, demonstrando perplexidade e posso lhe dizer que cheguei perto demais, relacionando tal aproximação com seus movimentos de oscilação para o afastamento.

Por que imagino que aqui tenha se dado um leve choque, diferente dos outros apontados anteriormente? Apesar de minha sensação de interferência ser mais consciente aqui do que nos outros momentos, Flávio pôde manejar a distância possível fisicamente, com o olhar e com toques verbais que me ajudaram a refletir sobre a situação de proximidade e possível tendência a engolfamentos por minha extrema empolgação.

Será que o trabalho analítico ao longo da sessão terá facilitado a Flávio não ter que recorrer agora ao circo do movimento e poder regular a distância possível, comunicando suas fronteiras sem se desmantelar e se descompensar? Interessante que dos três momentos de choque, a minha surpresa e inconsciência sobre minhas possíveis ultrapassagens das linhas de proteção coincidiram com as mais “espalhafatosas” e desintegradas reações do paciente, enquanto que quando houve algum senso de ultrapassagem de minha parte, houve também por parte do paciente, uma melhor condição de manejo.

A intensidade da ultrapassagem em si parece não ter sido o fator principal, ou pelo menos a intensidade da intrusão não pode ser determinada por nossas referências. (Me senti, por exemplo, muito mais invasiva e inundando a relação com aspectos muito próprios na terceira situação do que nas outras precedentes). Ao mesmo tempo, me senti muito mobilizada emocionalmente por algo evocado em nosso contato ali, e penso que algo desta atmosfera pode ter sido comunicado, não como invasão, mas como sintonia afetiva e proximidade emocional, que nos permite até perceber as nuances dos próprios movimentos.

Conclusão

Antenas parabólicas em contradança

No momento de elaboração e próxima da conclusão deste artigo, sonho com duas antenas parabólicas de consideráveis dimensões, em posição “conversadora”, uma de frente para a outra, como um face-a-face. Essa cena me aparece como um “flash”, ao acordar, como resquício de um contexto de sonho maior, que embora existente em sensação, me permanece inconsciente (como muitas vezes nos é comum em lembranças de sonhos). Em vez de material sintético ou metálico, “artificial” como diria Flávio Palmeira, as antenas mostram uma trama tecida em fibra natural, com alguns pontos de esgarçamento, em que levemente se transforma a coloração, e a textura parece mais desgastada. Este detalhe lembra um aspecto de gaze, após permanecer um tempo como curativo, um pouco desfiada e com leve tintagem de sangue e fluidos corporais do tipo água e pus.

Alfabetizados por esta imagem onírica, que parece corresponder à formulação teórica de analistas contemporâneos da contratransferência, aqui já mencionada como radar no contato com nossos pacientes, poderíamos dizer que nosso radar-antena parabólica “conversa” com o radar-antena parabólica dos pacientes. Tal contradança de olhares e sinais, às vezes dueto, às vezes balé esquisito e dança rústica, inclui nossas texturas naturais e sensíveis aos estados de sofrimento em nós e no outro, acompanhando o processo interno de intensa luta travada entre nossos recursos/anticorpos de

proteção e as ameaças de desagregação, combinada com a possibilidade de experiência, mesmo que rudimentar, de contato com o emocional e a dor psíquica. Como ilustração metafórica, a definição de contradança é interessante, enfatizando a idéia de pares que se colocam frente a frente a executar uma série de movimentos contrários e complementares.

Neste contexto e levando em conta a ilustração clínica de Flávio Palmeira, poderíamos dizer que a percepção do analista acerca de seus estados internos, constitui-se no fator diferencial para promover maior capacidade e espaço para o paciente poder lidar com seus aspectos desintegrados sem precisar expulsá-los ou evacuá-los. Assim, os recursos contratransferenciais do analista firmam-se como os instrumentos mais preciosos para fortalecer a construção de rudimentos de simbolização nos estados primitivos de mente a nível processual ao longo da análise. Entretanto, nestes casos, vemos também como a cada micro-situação tal expansão se faz ou não possível, não se instalando logo como um aprendizado garantido, mas dependendo sempre de um novo re-investimento do analista em seus estados mentais, nos estados do outro e nos movimentos emocionais da dupla, para que possa ir se tornando pouco a pouco mais consistente, ou para que possa se configurar como via alternativa.

Parece que, seja qual for nosso próprio movimento, mesmo que sentido como “tendo ido longe demais”, com pernas enroscadas num balé esquisito, temos nossa função analítica maximizada quando podemos continuar ressonantes ao impacto emocional deste movimento em nós mesmos e no outro com o qual estamos trabalhando.

Neste aspecto, como nos versos de Chico a que alude Flávio, é na soma dos olhares do outro que o conhecimento de si vai se dar (“É na soma do seu olhar, que eu vou me conhecer inteiro, se eu nasci prá enfrentar o mar, ou faroleiro”).

Tal como a mãe e seu bebê e tal como antenas parabólicas naturalmente sensíveis face a face “em conversação”, o paciente se vê no olhar do analista e nós também nos vemos analistas no olhar do paciente. É inerente à nossa função sustentar esses olhares, no sentido de podermos manter em mente, como expressão do investimento subjetivante, o olhar para o nosso interno, para o interno do outro e para os movimentos da dupla nesta dança e contradança.

Resumen

Partiendo de reflexiones acerca de estados primitivos de la mente y de desarrollos clínicos en la técnica psicoanalítica con trastornos autísticos infantiles, este artículo discute la cuestión de la convocatoria del paciente por el analista, nuestro deseo por contacto, e impases y matices que emergen en nuestra práctica. A partir de la descripción detallada de una sesión de trabajo analítico, se resalta la importancia de nuestros sensores contratransferenciales internos para acompañar tanto el movimiento de los pacientes como los nuestros, en oscilaciones de aproximación y alejamientos. Una canción conducida en sesión por el paciente y un sueño del analista participan de la interlocución.

Descritores: Psicoanálisis de niños – Barreras autistas – Deseo del analista – Contra-transferencia – Interacción comunicativa.

Resumo

Partindo de reflexões acerca de estados primitivos da mente e de desenvolvimentos clínicos na técnica psicanalítica com transtornos autísticos infantis, este artigo discute a questão do investimento do analista no contato com o paciente, seu desejo impulsionante, e impasses e nuances que emergem em nossa prática. Utilizando-se do acompanhamento detalhado de uma sessão de trabalho analítico com um garoto autista, ressalta-se a importância de nossos sensores contratransferenciais internos para acompanhar tanto o movimento dos pacientes quanto os nossos próprios, em oscilações de aproximação e afastamentos. Uma canção trazida em sessão pelo paciente e um sonho da analista participam da interlocução.

Palavras chave: Psicanálise de crianças – Transtornos autísticos – Investimento desejante do analista – Contratransferência – Interação comunicativa.

Summary

Considering reflections regarding primitive states of mind and clinical developments within psychoanalytic technique with children within the autistic spectrum, this paper discusses the issue of the reclaiming function of the analyst, his investment in the contact with his patient, the impasses and nuances emerging in our practice. Making use of a detailed report of an analytic session with an autistic boy, the relevance of our countertransference is emphasized, to contain the patient's movements and our own, oscillating between closeness and withdrawal. A song brought by the patient during the session and a dream the analyst had during the process of writing this paper take part in the dialogue.

Key words: Child Analysis – Autistic spectrum – Reclaiming function – Countertransference – Communicative interaction.

Bibliografia

- Alvarez, A.** (1992) *Live Company: Psychoanalytic Psychotherapy with Autistic, Borderline, Deprived and Abused Children*. London and New York, Tavistock/Routledge.
- Alvarez, A. and Reid, S.** (1999) *Autism and Personality - Findings from the Tavistock Autism Workshop*. London, Routledge.
- Bick, E.** (1964) Notes on Infant Observation in Psychoanalytic Training. In *Collected Papers of Martha Harris and Esther Bick*. Ed. M. H. Williams, The Rolland Harris Education Trust, 1987.
- (1967) The Experience of the Skin in Early Object Relations. In *Collected Papers of Martha Harris and Esther Bick*, Ed. M. H. Williams, The Rolland Harris Education Trust, 1987.
- Bion, W. R.** (1962) *Learning from Experience*. London, Karnac.

- Ferro, A.** (1995) *A Técnica na Psicanálise Infantil*. Rio de Janeiro, Imago.
- Fonseca, V. R.** (2005) "As relações interpessoais nos transtornos autísticos: uma abordagem interdisciplinar da psicanálise e da etologia". Tese de Doutorado pela Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Guimarães Filho, P. D.** (2007) Associações e separações do neurológico e do psicológico no espectro autista: é preciso discriminá-las? Trabalho apresentado no I Encontro Latino Americano de Psicanálise de Crianças e Adolescentes da SBPSP, São Paulo.
- Korbivcher, C. F.** (2001) A teoria das transformações e os estados autísticos: transformações autísticas: uma proposta. *Rev. Brás. Psicanál.*, Vol. 35, Nº 4, p. 935-58.
- (2006) A mente do analista e as transformações autísticas. *Rev. Brás. Psicanál.*, Vol. 39, Nº 4, pp.113-130.
- Marucco, N. C.** (2007) "Entre a recordação e o destino: A repetição". Conferência na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, em março de 2007.
- Mélega, M. P.** (1999) *Pós-autismo: uma narrativa psicanalítica*. Rio de Janeiro, Imago.
- Mélega, M. P. & Mendes De Almeida** (2007) Echoes from overseas: Brazilian experiences in psychoanalytic observation, its developments and therapeutic interventions with parents and small children. In *Innovations in Parent-Infant Psychotherapy*, Maria E. Pozzi Monzo (ed), London, Karnac.
- Meltzer, D. & Harris, M.** (1986) *Studies in Extended Metapsychology*. Scotland, The Clunie Press.
- Mendes De Almeida, M.** (1998) "A Contribuição da Observação da Relação Mãe-Bebê e do Estudo das Relações Iniciais à Clínica das Perturbações Graves na Infância". Trabalho apresentado no II Colóquio Internacional Esther Bick- Observação de Bebês, Lisboa. No prelo para publicação no livro "O olhar e a escuta para compreender a primeira infância", org. por Mélega, M. P., São Paulo, Casa do Psicólogo.
- (2000) Processos de Subjetivação e Inclusão - A Evolução de uma Criança Psicótica na Pré-Escola Tangram. In *A Psicanálise, a Educação e os Impasses da Subjetivação no Mundo Moderno, Anais do II Colóquio do Lugar de Vida* Lepsí, USP.
- (2002) "Observação de bebês e seus desenvolvimentos: repercussões na clínica dos transtornos autísticos infantis". Trabalho apresentado no VI International Congress on Infant Observation according to the method of Esther Bick, "New discoveries and applications", Centenary of Esther Bick's birth, Cracóvia, Polônia. No prelo para publicação no livro "O olhar e a escuta para compreender a primeira infância", org. por Mélega, M. P., São Paulo, Casa do Psicólogo.
- (2003) "Construções iniciais da capacidade simbólica: contribuições a partir da clínica dos transtornos autísticos infantis". Artigo ainda não publicado.
- (2006) "Algumas considerações acerca das concepções de Freud sobre os processos psicóticos – Expansões e realizações a partir da clínica psicanalítica infantil". Trabalho apresentado no Congresso da Fepal em Lima, Peru.
- Miller, L.; Rustin, M. and Shuttleworth, J.** (1989) *Closely Observed Infants*, London, Duckworth.
- Pires, L.** (2007) *Do Silêncio ao Eco – Autismo e Clínica Psicanalítica*. São Paulo, Edusp.
- Reid, S.** (1988 a 1993) Colocações durante o Workshop semanal de Autismo da Clínica Tavistock, Londres – Notas pessoais da autora do presente artigo, enquanto participante do Workshop neste período.
- (1997) Introduction: psychoanalytic infant observation. In Reid, S. *Developments in Infant*

Observation - The Tavistock Model. Ed. S. Reid, London, Routledge.

Silva, L. A. de O. & Mendes De Almeida, M. (2007) Estados primitivos da mente—Poema e polêmica. In *Revista IDE*, SBPSP, Vol. 45, Linguagem II, 2007.

Stern, D. (1985) *The Interpersonal World of the Infant*. New York, Basic Books.

Tustin, F. (1986) *Autistic barriers in neurotic patients*. London, Karnac.

Anexo 1:

Desenhos

Frente: Flávio sozinho na escuridão da noite
Palmeiras artificiais, de brinquedo no Shopping super...

Verso: Um circo, o circo do movimento
O pano tampou tudo, tamparam as palmeiras lá dentro
Relógio de pingar areia

Anexo 2:

Tanto amar

Amo tanto e de tanto amar
acho que ela é bonita,
tem um olho sempre a boiar
e outro que agita.

Tem um olho que não está
meus olhares evita
e outro olho a me arregalar
sua pepita.

A metade do seu olhar
tá chamando prá luta aflita
e a metade quer madrugar
na bodeguita.

Se os seus olhos eu vou cantar,
um seu olho me atura,
e o outro olho vai desmanchar
toda a pintura.

Ela pode rodopiar,
e mudar de figura,
a paloma do seu mirar
vira miúra.

É na soma do seu olhar,
que eu vou me conhecer inteiro,
se nasci pra enfrentar o mar
ou faroleiro.

Amo tanto e de tanto amar,
acho que ela acredita,
tem um olho a pestanejar,
e outro me fita.

Suas pernas vão me enroscar,
num balé esquisito,
seus dois olhos vão se encontrar,
no infinito.

Amo tanto e de tanto amar,
em Manágua temos um chico,
já pensamos em nos casar,
em Porto Rico.
(Chico Buarque de Holanda, 1981,
lembrado por Flávio Palmeira, 2007)

